

RECORDANDO...

Recordar é viver. Viver no presente, o passado, é preparar o futuro.
(pelo dr. VITAL BRAZIL)

Quando passo, pela mente, o passado, procurando a razão de ter sido conduzido ao estudo do ofidismo, sou levado a crer que o assunto perseguiu-me, ou por outra, que o destino teve uma influencia decisiva sobre este fato.

Cursando o segundo ano de medicina no Rio, fiz-me amigo de um fotografo estabelecido à rua da Carioca, a cujos filhos menores lecionava. Homem inteligente e instruido, esse amigo, por varias vezes, instou para que eu estudasse um vegetal, cujos efeitos miraculosos sobre os acidentes ofidicos ele garantia, fazendo-me ver a conveniencia de tomar esse tema para escrever a tese inaugural.

Depois de alguma hesitação resolvi aceitar os conselhos do amigo. Fui, como medida inicial, procurar o professor Domingos Freire, na epoca catedratico de quimica organica, o qual adquirira grande renome pelos seus trabalhos experimentais sobre a febre amarela. Foi pouco amavel o eminente professor. Recebeu-me de senho carregado e disse-me que não poderia prestar-me o auxilio que ambicionava: conselhos de mestre, um canto em seu laboratorio e animais para experiencia. Ficou, porisso, adiada essa primeira oportunidade.

Mais tarde, ainda durante o curso medico, foi-me dado presenciar, na Faculdade, uma experiencia que exerceu no meu espirito grande influencia, despertando-me interesse pelo assunto. Um farmaceutico, cujo nome silenciarei, descobriu um remedio de base vegetal, para cura infalivel das mordeduras de cobra. Requereu aprovação do preparado, que foi submetido à consideração da Academia Nacional de Medicina para dar parecer. Esta nomeou uma comissão da qual fazia parte o professor Souza Lima, que exigiu as experiencias realizadas no pavilhão central da Faculdade de Medicina. Essa experiencia, assistida por grande numero de estudantes, de medicos e de professores, na presença da comissão, teve efeito impressionante e inesperado. Uma grande caixa de madeira, tendo uma das frentes telada, permitindo ver-se o que se passava no seu interior e uma divisão movel no meio, possibilitando estabelecer ou interromper a comunicação entre as duas partes da mesma, serviu de cenario à experiencia que ia ser levada a efeito. Uma grande Cascavel estava em um dos compartimentos da referida caixa, irritada pelo ruido e a presença de tanta gente, pronta para lançar o bote na primeira oportunidade. Dois cães, inconcientes do perigo, tranquilamente esperavam o momento do contato fatidico. Um deles, forte, de cerca de 10 quilos, escolhido para ser tratado, fôra, de acordo com o plano traçado pela comissão, o primeiro a ser introduzido no 2.º compartimento da caixa. Levantada a comunicação que o separava da Cascavel, esta, enfurecida, lançou-lhe terrivel bote sobre o focinho, presen-

ciado por toda a assistencia. Imediatamente, separado da serpente, foi levado para um aparelho contensor para receber o remedio introduzido por meio de uma sonda ao estomago do animal. Essa operação correu com alguma dificuldade, durando cerca de 15 minutos. Instantes depois de terminada a administração do remedio, o animal sucumbia, na mesa de contensão. Outro animal, de pequeno talhe, tomado para testemunha, foi como o primeiro, introduzido na caixa. Mordido varias vezes pela Cascavel, foi retirado e conservado por varios dias no bioterio da Faculdade sem que apresentasse o minimo sintoma de envenenamento.

O resultado desconcertante desta experiencia, deixou-me duvidas, aguçando-me a curiosidade scientifica. Teria o cão tratado sucumbido à ação do remedio ou à ação da peçonha?. Qual o motivo da confiança do experimentador, que se expusera a tão grande vexame publico? Porque razão teria resistido o pequeno animal testemunha a tantas mordeduras do ofidio, sem ao menos apresentar sintomas de envenenamento? Estas e outras interrogações que se levantaram em meu espirito firmaram-me na intenção de examinar um dia a interessante questão, que no momento fugia às possibilidades do curioso estudante.

Uma vez diplomado fui para São Paulo, onde iniciei a vida clinica em companhia dos saudosos colegas Arthur Mendonça e Diogo de Faria, ingressando mais tarde com eles no Serviço Sanitario. Tocou-me o posto de Inspetor Sanitario, no desempenho de cujas funções tive oportunidade de percorrer quasi todas as cidades do interior, no combate a varias epidemias. Em 1895 resolvi tentar a clinica em Botucatu, onde encontrei meu velho mestre, o Rev. J. de Carvalho Braga, que falou-me nas virtudes curativas da Pulmeria, empregada com resultados positivos no tratamento das mordeduras de cobras. Pediu-me, mesmo, que examinasse a questão, pois, era de opinião que eu prestaria grande serviço à humanidade si, com o prestigio de medico, tornasse conhecido esse grande remedio.

Em contacto constante com a gente do povo, procurando tomar conhecimento do seu modo simples de viver, de suas idéias, de suas crendices, tive oportunidade de verificar a confiança que depositavam nos *curadores de cobra*, como chamavam os caboclos que tratavam, por meio de raizes, os acidentados por serpentes. Os vegetais preconizados eram numerosos, quasi tantos quanto os curadores. Isto levou-me a pensar que talvez houvesse uma substancia comum nos vegetais que explicasse a proclamada ação curativa. Resolvi a examinar a questão. Montei pequeno laboratorio, acumulando raizes, caules e frutos para o preparo de extratos e tinturas, que me serviriam nas projetadas experiencias. Tratei de adquirir uma serpente venenosa, uma Cascavel, que me foi fornecida por um dos caboclos *curadores*. As primeiras Cascaveis sucumbiram porque eram traumatizadas no momento da captura. Afinal consegui uma em boas condições, que foi colocada em caixa reforçada de madeira no meu improvisado laboratorio. Era um belo especime de Cascavel (*Crotalus terrificus* LAUR.). Começou minha aprendizagem. Tive de vencer a mim mesmo, ao medo inato das serpentes. Era preciso colher o veneno em estado de pureza, em ordem a poder avaliar-lhe a quantidade. Não dispunha de aparelho de contensão. Comecei, porisso, provocando a mordedura em algodão hidrophilo, tarado; pela diferença de peso avaliava a quantidade de veneno, empregado em solução titulada. Os resultados das primeiras experiencias foram negativos para diversos vegetais examinados.

Por esse tempo, Calmette publicava os primeiros resultados alcançados pela soroterapia antiofidica na Indo-China, com imunização do cavallo contra o veneno de *Naja*. A leitura de um pequeno resumo desses trabalhos foi a luz, que

lançou-me sobre o verdadeiro caminho que me conduziria à verdade. Com verdadeiro entusiasmo e sem perda de tempo tratei de imunizar animais contra o veneno da Cascavel e de adquirir o material indispensável para obtenção do soro. Ao fim de algum tempo convenci-me de que precisava de recursos técnicos, que só em meio maior poderia encontrar. Resolvi, por isso, transferir-me de novo para São Paulo, candidatando-me ao cargo de ajudante do Instituto Bacteriológico, onde teria, certamente, os elementos para enfrentar o problema que me empolgava. Em junho de 1897 consegui a almejada nomeação, tendo encontrado no Instituto, como diretor o dr. Adolfo Lutz e como ajudante o dr. Arthur Mendonça e o dr. Bonilha de Toledo. Deste último recebi as primeiras lições de técnica bacteriológica. Embora a questão do ofidismo fosse estranha aos objetivos do Instituto, o dr. Adolfo Lutz bondosamente, não só permitiu ocupar-me do assunto, como prontificou-se auxiliar-me, dando-me sábios conselhos para resolução de questões de ordem prática que se apresentavam. Entre estas a que mais me preocupava era a extração do veneno, de modo a obtê-lo separado de corpos estranhos, em condições de ser medido ou pesado. Para isto, seria preciso um bom aparelho de contensão, em ordem a garantir o operador contra possível acidente durante a extração. Foi o dr. Adolfo Lutz quem imaginou e mandou executar o laço que tão bons serviços prestou e ainda presta na captura e contensão das serpentes. Com esse aparelho começamos a fazer colheita regular e periódica da peçonha da Cascavel, que havíamos trazido de Botucatu e de outras espécies venenosas que conseguimos em São Paulo. Pouco a pouco fui-me familiarizando com o manejo das serpentes, procurando ensinar auxiliares indispensáveis à execução da arriscada operação. Não dispondo o Instituto de verba para aquisição de serpentes, tive eu mesmo de assumir este encargo. Em pequeno terreno adquirido próximo à minha residência, mandei construir meu primeiro serpentário, bastante imperfeito, o qual serviu-me de orientação quando mais tarde tive de construir outros em Butantan.

Nesse período trabalhei intensamente na aquisição de serpentes e na propaganda entre agricultores amigos, dos meios de captura e transporte de ofídios, distribuindo-lhes laços e caixas. Visitei algumas fazendas nas proximidades da Vila de Cotia, para caçar serpentes e ensinar aos trabalhadores agrícolas o uso do laço. Tomei conhecimento das lendas vulgarizadas sobre os ofídios, procurando interpretar-lhes o verdadeiro sentido.

Quando já dispunha de pequena quantidade de peçonha continuei os estudos desta sobre pequenos animais de laboratório, coelhos, cobaias e pombos. Distingui logo a nitida separação do efeito do veneno da Cascavel do das outras espécies, julgando-me autorizado a grupá-los nos dois tipos: crotálico e botrópico. Comecei então a imunização de cães contra os dois tipos de peçonha, com a idéia de preparar soros antitoxicos específicos, o que consegui em pequena escala. Confiante na experiência de imunização, levada a efeito em cães, tentei imunizar um mular que por acaso ou esquecimento se encontrava no Instituto. O resultado foi desastroso, pois o animal sucumbiu em menos de 24 horas, com todos os sintomas de envenenamento, a despeito da dose infinitamente pequena injetada. Esse insucesso seguido de outros revelou-me a grande sensibilidade dos grandes herbívoros, preparando-me para enfrentar o problema prático da imunização do cavalo.

Estavam as coisas neste pé, quando o aparecimento da peste bubônica em Santos, creou situação propícia, para continuar em escala muito maior os trabalhos de soroterapia antiofídica iniciados no Instituto Bacteriológico.

Encarregado do preparo do soro contra peste, em Butantan, para ali segui em dezembro de 1899, levando com o peso da responsabilidade desta honrosa

incumbencia, o ardor científico, a preocupação de solucionar o problema do ofidismo.

Improvisação de laboratórios, pelo fechamento de rancho aberto, que, na fazenda de Butantan, servia para a ordenha, a construção das primeiras caixas de alvenaria, para depósito das serpentes venenosas, que possuía em número regular, a intensificação da propaganda para aumentar esse material de estudo, foram os primeiros objetivos visados no desenvolvimento dos planos que trazia em mente.

Vários cavalos foram imunizados contra o veneno crotálico e outros contra o veneno botrópico. Começaram os estudos de caracterização das diferentes peçonhas pelas reações biológicas. Os soros anti-peçonhentos começaram a ser distribuídos em círculo restrito de agricultores, o qual pouco a pouco foi se alargando até atingir a algumas centenas em correspondência direta com o Instituto. As cobras encontradas por ocasião dos trabalhos agrícolas eram capturadas e enviadas ao Butantan, recebendo o fazendeiro, em permuta, empolas do soro curativo e bem assim seringa apropriada para sua aplicação.

Desta arte conseguiu o Instituto a valiosa cooperação dos agricultores na solução prática do problema, eles que eram realmente os maiores interessados, por pagarem o maior tributo ao ofidismo.

Em dezembro de 1901 fiz a primeira conferência sobre o ofidismo levada a efeito na Escola de Farmácia de São Paulo, que na época funcionava no palacete Marquês de Santos no começo da rua Brigadeiro Tobias. Essa conferência acompanhada de demonstrações experimentais, nas quais, pela primeira vez, demonstrei, em público, a eficácia do tratamento específico, teve grande assistência de médicos, professores e representantes das autoridades e de várias classes sociais, conseguindo pela repercussão obtida interessar grande número de pessoas na solução do problema.

Outras conferências seguiram-se sempre acompanhadas de demonstrações práticas: extração de veneno e ação preventiva e curativa dos soros específicos.

Ao lado dos meios de propaganda oral, encetei a série de publicações sobre o assunto. A primeira conferência foi editada e largamente distribuída. Artigos em que condensava os resultados de estudos sobre esse tema foram inseridos na Revista Médica de S. Paulo.

Assim foram se desenvolvendo no Instituto Butantan os estudos sobre as serpentes e seus venenos, assunto que se tornou nota dominante, chamando para ele a atenção dos poderes públicos, dos homens de ciência, do povo de S. Paulo e dos estrangeiros.

Não me vanglorio da obra de Butantan, porque reconheço que nela colaboraram elementos de tão grande valor, que o meu papel resumiu-se à função de levantar o tema e de coordenar vontades em benefício do que se tinha em mente realizar.

Quando penso que o Butantan aí está, com raízes profundas no meio social, sustentado por uma pleiade de jovens cientistas, trabalhando intensamente pelo seu engrandecimento, que dias não se passam, sem que os soros anti-peçonhentos, não salvam da morte, algumas vítimas do ofidismo, sinto-me feliz e largamente compensado de todos os trabalhos, rendendo graças ao Criador de todas as coisas, por haver colocado em meu caminho esse humanitário problema, dando-me forças para levá-lo a bom termo.

a) VITAL BRAZIL

Rio, 23 de Outubro de 1940.